

REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E AS INDÚSTRIAS TÊXTEIS DA BAHIA

Bruna Silva Matos ¹
Rosângela Moreira de Oliveira ²

RESUMO

Este estudo foi realizado com o objetivo de expor, através da análise histórica das revoluções industriais no contexto mundial e também no âmbito brasileiro, o desenvolvimento do estado da Bahia durante a segunda revolução industrial. Com foco nos têxteis, onde deu início ao processo de industrialização brasileira, elencamos as primeiras fábricas do ramo, localizadas na Bahia, como forma de mostrar a contribuição no processo de desenvolvimento do estado. Assim, para melhor abordagem dos temas, foram utilizados livros e artigos como referencial teórico-metodológico dos quais foram elaborados por autores conhecidos nos estudos necessários ao tema tratado nesta pesquisa que tem com o objetivo traçar uma linha do tempo com as primeiras fábricas de beneficiamento do algodão no estado da Bahia e mostrar sua contribuição para o desenvolvimento do território baiano, além de discutir como se comporta atualmente.

Palavras-chave: Revolução Industrial, Desenvolvimento regional, Indústria têxtil, Bahia.

INTRODUÇÃO

É fato que, hoje, muito do que consumimos advém de processo industrial, seja um pequeno objeto proveniente de um processo de produção em escala ou de um avião. Mas para que hoje as indústrias pudessem ter capacidade de funcionamento para suportar as atuais demandas, foi necessário que houvessem evoluções em seus processos, evoluções estas decorrentes das Revoluções Industriais que dividiu-se em quatro fases: Revolução Industrial 1.0, iniciada por volta do final do século XVIII; Revolução Industrial 2.0, nos primeiros anos do século XIX; Revolução Industrial 3.0, já na segunda metade do século XX até primeira metade do século XXI; e Revolução Industrial 4.0 nos dias atuais. Assim como nos outros países, o Brasil também vivenciou as revoluções industriais, num processo mais lento e atrasado, porém com suas particularidades e até vantagens. Sendo a Bahia precursora no movimento de industrialização brasileira, através do ramo têxtil, do qual portanto, iniciou o desenvolvimento industrial do país. O trabalho está dividido em quatro partes. A primeira a introdução do estudo, com a contextualização e apresentação da pesquisa, assim como os seus objetivos. A segunda parte aborda a metodologia utilizada. A terceira com o desenvolvimento

¹ Graduanda do Curso de Administração de Empresas da Faculdade de Tecnologia e Ciências - FTC, bruna98matos@gmail.com;

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano da Universidade Salvador - UNIFACS, rosamoadm@outlook.com

do trabalho, o qual contempla o referencial teórico do estudo, com as abordagens conceituais e a fundamentação da pesquisa e a discussão sobre o processo fabril na Bahia. A quarta e última traz a conclusão e as principais considerações sobre o estudo.

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como exploratória, pois busca demonstrar como se deu a evolução da revolução industrial no âmbito internacional e nacional, com objetivo de traçar uma linha do tempo com as primeiras fábricas de beneficiamento do algodão no estado da Bahia, com a intensão de expor os desafios, sucessos e fracassos advindos do processo fabril baiano. É uma pesquisa de abordagem qualitativa e a amostragem não probabilística, sendo realizada por meio de levantamento de referencial teórico com base em autores que abordam os temas, portanto, possibilitando uma melhor elucidação das proposições.

DESENVOLVIMENTO

Dathein (2003) afirma que a Primeira Revolução Industrial deu-se início após o desenvolvimento da máquina à vapor que permitiu o impulso das fábricas têxteis e da necessidade das construções de ferrovias, tendo como país propulsor a Inglaterra e em seguida alguns países da Europa como França, Alemanha e Holanda, incluindo os EUA na América do Norte. Hobsbawm (2001) afirma ter sido iniciado o processo de industrialização já no final do século XVIII, sendo possível observar toda mudança econômica e social trazida por essa nova atividade, a industrial, que a partir de então foi crescendo e modificando o contexto de como a população até então estava inserida. “a Revolução Industrial não foi uma mera aceleração do crescimento econômico, mas uma aceleração de crescimento em virtude da transformação econômica e social – e através dela” Hobsbawm (2001, p. 33).

Esta revolução foi a mola propulsora para que houvesse o desenvolvimento econômico que os países esperavam:

A primeira fase da industrialização britânica, baseada nos têxteis, chegara a seus limites ou parecia estar prestes a fazê-lo. [...] estava iminente o advento de uma nova fase do industrialismo, que proporcionaria alicerces muito mais firmes para o crescimento econômico [...] a era da crise do industrialismo têxtil foi a era da chegada do carvão e do ferro [...] (HOBBSAWM, 2001, p. 101).

A Revolução Industrial 2.0, segundo Dathein (2003), acontece a partir do final da metade do século XIX caracterizou-se pelo desenvolvimento na indústria química, elétrica, de petróleo e aço, bem como a invenção de equipamentos de telefonia, energia elétrica e a produção em massa. Muito mais que na primeira Revolução Industrial, na segunda foi possível perceber maior impacto no contexto das sociedades que estavam inseridas, seja no

âmbito econômico, social e intelectual. Os países dominantes das características da era da segunda revolução, continuaram crescendo e trazendo desenvolvimento ao país de forma que a os avanços econômicos permitiam melhores condições aos países e consequentemente a sua população com oferta de emprego e renda nas novas frentes de trabalho.

Na era pós-guerra o cenário industrial foi marcado por novas condições de possibilidade no aumento da eficácia de comunicação e ganho de produtividade, à exemplo da internet anos depois. Além de outros avanços, há como foco a utilização das energias renováveis na produção, seguindo um fluxo voltado a sustentabilidade permeando o século XXI do qual:

O estabelecimento de uma infraestrutura da Terceira Revolução Industrial criará milhares de novos negócios e milhões de empregos e lançar as bases para uma economia global sustentável no século 21 [...] A Terceira Revolução Industrial oferece a esperança de que podemos chegar a uma era pós-carbono [advindos desde o início da primeira revolução industrial] sustentáveis em meados do século. Temos a ciência, a tecnologia e o plano de jogo para que isso aconteça (RIFKIN, *The World Financial Review*, p. 8, 30 jun. 2014, tradução nossa).

Ou seja, a Terceira Revolução Industrial continua acontecendo, tendo como preocupação central o desenvolvimento do espaço fabril sem que interfira no meio ambiente e bem-estar social. Nesse momento podemos perceber como é importante e o quanto a revolução industrial está beneficiando no desempenho do contexto social, permitindo importantes ações, das quais se vê muito mais atualmente que nos anos anteriores, como: ações baseadas numa aliança entre o intuito da empresa e a responsabilidade social e ambiental.

Atualmente a indústria 4, ou a Quarta Revolução Industrial, que relaciona as inovações tecnológicas voltadas a automação, controle e tecnologia da informação para melhor desempenho nos processos industriais. “O termo indústria 4.0 é derivado de *industrie* 4.0. Foi criado na Alemanha no ano de 2011 como uma estratégia de alta tecnologia para o ano de 2020” (ZHOU; LIU; ZHOU, 2015 apud GOULART DA SILVA 2017a, p. 11), que ainda era esperado que a trouxesse melhorias nos mais diversos processos industriais.

No Brasil, as etapas da Revolução Industrial aconteceram de modo mais lento do que nos países que já tinham um poder econômico estável, como a Inglaterra e maior parte da Europa, e os Estados Unidos, já que por volta de 1800 por exemplo, estes países estavam na segunda Revolução Industrial, no qual já exploravam o mercado de aço, da energia elétrica e o petróleo, e o Brasil estava iniciando seu processo de industrialização, considerando ainda os elementos da Primeira Revolução Industrial.

Mas esta inserção tardia do Brasil, deve muito a questão da forma a qual os colonizadores portugueses conduziram a província, apenas como sendo utilizado esteio para enriquecer o país europeu, ter maior ascensão e poder perante os países que estavam em constante desenvolvimento. O Brasil e suas riquezas naturais eram usados apenas como fonte para comércio, e essa visão acabou por prejudicar o desenvolvimento do Brasil pós-colonial no período da industrialização que passava o mundo como explica Rebouças (2017):

[...] o caráter mercantilista, escravagista e agrícola da economia brasileira, herança do sistema colonial, esteve em contraste com a pressão pela modernização dos processos produtivos, de modo especial até a segunda metade do século XIX. Esse conflito está na base das dificuldades da industrialização na Província da Bahia a partir das implicações, a médio prazo, das mudanças que se seguiram a 1808 (REBOUÇAS, 2017, p. 47-48).

Portugal impôs ao Brasil restrições para não perder o controle, já que as indústrias possibilitariam que o Brasil colônia alcançasse independência financeira e tornasse politicamente independente, por isso na segunda metade do século XVIII, em 5 de janeiro de 1785, foi assinado um alvará para extinguir as indústrias têxteis que produzisse além de panos grossos, o interesse nestes era para uso para roupas de trabalhadores e escravos, tornando o Brasil mais dependente do império português.

Alguns autores, como Azevedo (2010) afirmam que, mesmo no início do Brasil colônia pode ser considerado como um período de industrialização, já que houve algumas pequenas atividades industriais, das quais davam preparo para o início de uma industrialização mais consistente, onde pudesse trazer modificações ao entorno de uma região, além da geração de economia própria.

O período entre 1808 a 1930 foi um período de libertação. No início na primeira metade do século XIX até final da primeira metade do século XX, o Brasil passou por diversas modificações, tanto políticas como econômicas, de império para república e de indústrias muito simples e com poucos impactos financeiros para indústrias mais desenvolvidas, que impactavam no entorno de suas instalações, principalmente pela atração de mão de obra para a região, que instigava a ocupação das terras e a circulação de renda. O setor têxtil foi que mais teve desenvolvimento por causa do crescimento do cultivo de algodão, que atraiu imigrantes dos quais trouxeram conhecimentos para as áreas de produção e beneficiamento, já que em seus países a industrialização já estava em um processo mais avançado que o Brasil.

No terceiro período, conhecido como fase da Revolução Industrial Brasileira, o país já estava em um patamar mais avançado, voltado para especialização de mão de obra nacional,

geração de energia e exploração de petróleo. Apesar de ainda conter indústrias que necessitavam de insumos e matérias-primas do exterior para que pudessem atender determinada produção. Houve também uma mudança, com o patriotismo do então presidente Getúlio Vargas (governo 1934/1945 e 1951/1954) e os incentivos dado a industrialização brasileira cresceram como analisando por Azevedo (2010), Rebouças (2017).

Diferente do enfoque nos períodos anteriores à indústria de bens de consumo, no terceiro período da Revolução Industrial brasileira foi dada oportunidade ao desenvolvimento de indústrias de bens de capital, como as metalúrgicas, siderúrgicas, petroquímicas, navais e etc. Conforme Azevedo (2010, p 16), “na década de 1940 outros tipos de atividade industrial começam a desenvolver-se, como no setor de minerais, metalurgia, siderurgia, ou seja, setores mais sofisticados tecnologicamente”. Assim, Fonseca (2012, p. 14) traz um escrito de Vargas onde demonstra a preocupação de se mostrar a inevitabilidade de fomentar a indústria nacional voltada aos materiais de siderurgia e metalurgia:

Muito teremos feito dentro de breve tempo se conseguirmos libertar-nos da importação de artefatos de ferro, produzindo o indispensável ao abastecimento do país. Nacionalizando a indústria siderúrgica, daremos grande passo na escalada ao alto destino que nos aguarda. O nosso engrandecimento tem que provir da terra, pelo intenso desenvolvimento da agricultura. Mas, o esforço para esse fim se esteriliza e fraqueia, ao lembrarmos-nos que todo o maquinismo, desde o arado que sulca o seio da gleba até o veículo que transporta o produto das colheitas deve vir do estrangeiro (VARGAS, 1938, v. 1, p. 100 – 101 *apud* FONSECA 2012, p. 14).

A experiência Baiana

Em 1866 a Bahia já tinha seis fábricas têxteis em pleno funcionamento, adquirindo máquinas e mão de obra para acompanhar a evolução rápida da necessidade de produção. Sendo registrada importantes unidades fabris da época, onde a maioria situava-se na região de Salvador. A primeira indústria têxtil de porte de produção industrial foi a fábrica Santo Antônio do Queimado, na região de Salvador, fundada em 1834, produzia os mais diversos produtos, como: pano para roupa de escravo, cobertores, velas para embarcações pequenas e meias. Possuía 90 operários, como de semelhança a todas as outras fábricas que ainda seriam fundadas, a maioria eram mulheres e crianças. Mais tarde, em 1891, a fábrica Santo Antônio do Queimado passaria a incorporar a empresa Companhia União Fabril, junto com mais outras cinco fábricas têxteis. Rebouças (2017) menciona informações importantes sobre a fábrica do Queimado, como seu principal dirigente e responsável pelo desenvolvimento da empresa através da Monteiro, Espinheira Júnior Cia, Paulo Pereira Monteiro. Conforme Castore (2013) *apud* Borja (1869), a empresa teve um destaque em relação aos seus empregados, ganhando medalha de prata durante a participação na Exposição Nacional de

1866 no estado do Rio de Janeiro sendo considerado um estabelecimento equilibrado em gênero, pois tinha como empregados: homens, mulheres e crianças, todos num quantitativo quase igualitário, chegando a ser equilibrado.

A fábrica da Conceição foi a segunda do ramo têxtil, fundada em 1835. Situada na região de Salvador, produzia panos de algodão para os mais diversos usos da época, sendo seu fundador o deputado Domingos José de Amorim que, segundo Rebouças (2017) informa que o então deputado solicitou prerrogativas ao governo para que pudesse concorrer com a produção de países mais evoluídos no seguimento têxtil. A Conceição tinha 60 funcionários, e no ano de 1891 foi incorporada à Cia União Fabril.

Registrada como Fábrica Todos os Santos, foi a terceira indústria têxtil da Bahia, criada em 1844 na região de Valença. Conforme Rebouças (2017) os fundadores foram Antônio Pedroso Albuquerque, Antônio Francisco Lacerda e J. Guilmer, sendo sócios com respectivamente 50%, e 25% cada um dos dois últimos. Castore (2013) menciona que a produção contava com 200 funcionários e era voltada ao algodão para os mais diversos usos como roupa de escravos e sacarias, panos para vela de embarcação e outros produtos de grande demanda da época. No ano de 1887 a fábrica Todos os Santos foi incorporada à Empresa Valença Industrial.

Em 1858 nasce a fábrica Modelo, produzindo panos para roupas de trabalhadores e fios para equipamentos de pesca. Situada também em Valença, teve como seus principais dirigentes o Engenheiro Joseph Revault e Manoel Luiz Pinto Coimbra e contava com 180 funcionários. Cardoso (2004) observa ainda que em 1891 a fábrica foi incorporada pela Companhia União Fabril.

Premiada com medalha de ouro na Exposição Nacional de 1866 pela qualidade de alguns de seus produtos, a Fábrica Nossa Senhora do Amparo fundada em 1860 tinha 300 funcionários e foi a terceira da região de Valença, onde produzia, segundo Castore (2004) apud Dantas (1882, p. 101) “panos para sacos de açúcar e de café, brins brancos para roupa, toalhas, brins riscados, cassinetas de diferentes qualidades, guardanapos, lonas, etc..” todos “vendidos na província e exportados para outros pontos do Império”. Mais tarde seria incorporada à Empresa Valença Industrial, sendo a última a ser incorporada.

A fábrica São Salvador teve sua fundação em 1870, e conforme explicações de Rebouças (2017), teve como seu fundador o coronel Antônio Francisco Ribeiro Guimarães e que chegou a ter 150 funcionários, onde sua fábrica produzia panos para sacos de grãos e mais

diversos produtos: brins riscados e guardanapos. Foi incorporada à Cia União Fabril, a quarta indústria incorporada pela companhia.

Conhecida como Progresso ou Bonfim, a fábrica Nossa Senhora do Pilar instituída em 1873 em Salvador, segundo Cardoso (2004) e REBOUÇAS (2017) por Francisco Xavier Catilina e Luiz Rodrigues D’Ultra. A produção era voltada a tecidos grossos para ensacamento de mercadorias e panos simples para roupa de trabalhadores e escravos. Em 1891 a empresa foi incorporada pela Cia Progresso Industrial da Bahia, sendo a primeira desta companhia.

Sendo a Fábrica São Braz uma das mais importantes na cidade de Salvador, a sua fundação foi, segundo Sardenberg (1997, p. 6) “pelos irmãos Manoel Francisco de Almeida Brandão e Antônio Francisco Brandão Jr.”. Assim como a fábrica Nossa Senhora do Pilar, a São Braz também foi incorporada pela Cia Progresso Industrial, sendo a última da incorporada. Ela contava com mão de obra de 110 funcionários, e produzia “algodão trançado branco e tinto para ensacamento e exportando para as províncias do atual nordeste brasileiro” Rebouças (2017, p. 89).

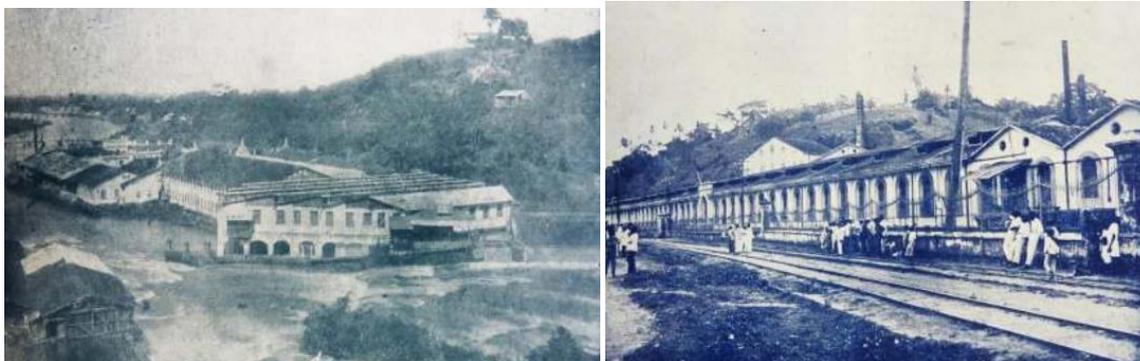
“A fábrica Nossa Senhora da Penha foi inaugurada em 1875. Localizada na Ribeira de Itapagipe, pertencia a *Costa David e Cia*. Dirigida pelo Sr. Eugenio David” Castore (2014). Tendo 155 funcionários, produzia diversos produtos exigidos na época. A Cia União Fabril incorporou a fábrica Nossa Senhora da Penha em 1891.

Seguindo os estudos de Castore (2014) e Cardoso (2004) última fábrica antes do início das incorporações foi a São Carlos do Paraguassu, que foi fundada em 1876 para produzir simples demandas como tecidos grossos para ensaque de produtos e finos. Localizada em cachoeira, interior da Bahia, também foi incorporada pela Cia União Fabril em 1891.

“Contudo, no final da década de 1880, com o surgimento das sociedades por ações, ou sociedades anônimas – que resultaram na organização de grandes empresas industriais através da incorporação de fábricas até então existentes – ocorreram importantes modificações” (Mattoso 1992, p. 496 apud Castore 2004, p. 99), voltadas também às fábricas têxteis que estavam com dificuldades de manter-se no patamar nacional atendendo as crescentes demandas por razões de falta de investimento e maquinários ultrapassados. Logo, houve grandes junções com a criação das incorporadoras para que pudesse ser dado um apoio e fortalecimento às indústrias têxteis da Bahia. A Empreza Valença Industrial foi uma incorporadora que “surgiu em 1887, fundada por J. Pinto da Silva Moreira e Domingo Gonçalves” (SAMPAIO, 1975, p. 63; KRAYCHETE SOBRINHO, 1988, p. 106 apud

CASTORE 2014) e teve como suas incorporadas as empresas têxteis localizadas em Valença: Todos os Santos e Nossa Senhora do Amparo.

Figura 01 – Companhia Valença Industrial e A fábrica N. S. da Conceição, incorporada da União Fabril



Fonte: Renascença, n. 88, mar. 1922 apud CASTORE (2004, p. 104)

Sendo a segunda das sociedades anônimas criadas voltadas a indústria têxtil, a Companhia União Fabril foi uma incorporadora, fundada em 1891 tendo como “sua primeira diretoria constituída por Eugenio David, Francisco Alvares de Santos Souza, Manoel Antônio de Andrade e Manoel Luiz Pinto Coimbra” (PAMPONET, 1975, p. 64 apud CASTORE 2004). Contava com a força de 805 operários, segundo Viana (1893, p. 273-4) apud CASTORE (2014) e teve como suas incorporadas as indústrias Santo Antônio do Queimado, Conceição, Modelo, São Carlos do Paraguassu, São Salvador e Nossa Senhora da Penha.

Foi fundada mais uma empresa nesse viés, a Cia Progresso Industrial da Bahia, que incorporou as fábricas Nossa Senhora do Pilar e a São Braz. A Cia foi fundada em 1891, tendo 500 funcionários.

Houve também a última incorporação das indústrias têxteis desse período com a criação da Cia Progresso e União Fabril da Bahia S/A, em 1932, realizando a incorporação das gigantes Cia União Fabril e Cia Progresso Industrial da Bahia, tendo como seu principal dirigente o comendador Bernardo Martins Catharino e sua família: “principais acionistas, membros tanto da Diretoria, quanto do Conselho Fiscal de ambas as extintas Companhias, a partir do final de 1932, os Catharino exercitaram de fato o controle sobre os recursos e as operações da nova Companhia Progresso Industrial e União Fabril S/A” Castore (2013, p. 199).

Figura 03 – Fábrica São Braz, incorporada da Cia Progresso Industrial



Fonte: IPHAN

Quando incorporada em 1891 a Cia Progresso Industrial da Bahia, teve aumento da capacidade de produção e, conseqüentemente, maiores oportunidades surgiam para que mais trabalhadores pudessem adentrar a fábrica. Possuía 110 operários, produzia algodão trançado branco e riscado. Conforme A Indústria... (2005, p. 274) apud Castore (2013), por conta da visão paternalista do maior acionista e dirigente da fábrica, o Bernardo Catharino, foram criados diversos benefícios voltados a população, como: colégios, tanto para os filhos dos operários como para as outras crianças da comunidade.

O fim de um ciclo

As fábricas têxteis receberam vários estímulos para desenvolvimento, tendo como destaque a região nordeste, sendo a Bahia, no início, importante centro de fábricas têxteis devido grande população de escravos, matéria-prima e fontes de energia das quais os maquinários da época utilizavam, no caso hidráulica. Segundo FUJITA (2015), apesar de toda capacidade para se manter como centro industrial, a Bahia perdeu seu espaço para a região sudeste e centro-sul, mais especificamente São Paulo, Minas Gerais e o Rio de Janeiro, por volta de 1866, onde houve a construção das ferrovias que ligava esses estados, e também por ter o Rio de Janeiro como um centro de atenção do Brasil por ter concentração política (capital do império brasileiro). Fernando Pedrão em FIEB (2013) citou o processo arcaico ao qual a indústria têxtil já enfrentava e a precariedade do sistema de transporte da Bahia.

Não havia estrada alguma entre Salvador e o Rio de Janeiro e São Paulo. Tampouco havia comunicações com Recife e Belo Horizonte. A Viação Férrea Leste Brasileiro prestava serviços com uma linha a Juazeiro e outra a Aracaju. Com o torpedeamento de 32 navios, o transporte marítimo fora reduzido a sua mínima expressão. A BR-116 só foi inaugurada em 1967 e a BR-101 em 1972. (FIEB, 2013, p. 47).

Castore (2013) nos mostra qual foi um dos fortes motivos para que a concentração de indústrias têxteis da Bahia passasse a migrar para as regiões sudeste, como o aumento da

exportação e a necessidade de produção dos tecidos de ensaque para café e roupas de escravos e trabalhadores dos quais estavam naquelas regiões. Por fim, é preciso concordar, em maior parte com a Fujita (2015) porque o transporte e a movimentação do que é produzido é de grande importância para as indústrias, onde mais se tem dispêndios, portanto a região sudeste investiu numa grande malha ferroviária que ajudava no transporte das mercadorias e dos insumos, por onde perpassariam por vários estados brasileiros possibilitando melhor rota e menos custo.

Podemos dizer, então, que a indústria brasileira iniciou na Bahia com bastante dedicação e persistência, em especial na indústria têxtil, por volta dos anos de 1934. Cardoso (2004, p. 56) relata as primeiras indústrias têxteis na Bahia, “as primeiras fábricas de tecidos só surgiram, [...] na Bahia, na década de 1830” (apud SAMPAIO, 1973, P. 50). Sardenberg (1997, p. 4) não deixa de ressaltar a importância e destaque da Bahia no início do setor industrial para o Brasil, em relação a quantidade de indústrias existentes perante todo o território brasileiro “de fato, em 1880, cerca de um terço das fábricas de tecidos então operantes no país, estavam localizadas no Recôncavo Baiano, a maioria em Salvador e seus arredores, respondendo elas por cerca de 35% da produção têxtil nacional” (apud Stein 1957, Azevedo & Lins 1969).

Apesar de ter sido um período de inquietação da indústria baiana, houve períodos que tornaria mais difícil para que pudesse competir com as grandes economias internacionais e mesmo com os estados brasileiros que já galgavam para um patamar mais elevado que a Bahia. Mesmo com algumas iniciativas e incentivos para a indústria nacional, segundo Rebuças (2017) o então primeiro ministro Manuel Alves Branco decidiu implantar uma política tarifária, ainda em 1846, conhecida como Política Alves Branco que isentava o pagamento de impostos sobre os transportes ou valores de alfândegas de maquinários e peças para as indústrias nacionais, em 1847 foi a vez da isenção de taxas alfandegarias para insumos para estas indústrias e em novembro de 1849, a lei nº 374, que taxava em 2% todos os produtos ensacados com algodão estrangeiro. Todas beneficiavam a fábricas de têxtil.

A indústria têxtil no Brasil foi de perceptível importância para o desenvolvimento do país, foi onde iniciou-se a maior parte da renda nacional para sustento econômico pós-colonial, como menciona Cardoso (2004, p. 59) “em 1866 havia oito fábricas de tecidos no Brasil, cinco delas na Bahia, que teria se tornado o primeiro centro têxtil do país”.

Assim como nos outros países que passaram por revoluções industriais, o percurso do Brasil pelo processo de industrialização não foi diferente, o começo foi a partir das fábricas

têxteis, onde empregava pessoas em condições desfavoráveis e modificava todo o entorno de uma sociedade, criando e recriando o cenário no qual estava envolvida. Assim afirma Fujita (2015, p. 156 – 157) que “a trajetória da indústria têxtil no Brasil – assim como em países da Europa, América do Norte e Ásia – tem história de aproximadamente 200 anos, e conta com **casos de sucesso e insucesso** em diferentes épocas com suas respectivas crises” (grifo nosso).

A Bahia foi o centro do desenvolvimento têxtil, ponto inicial para que pudesse crescer o contexto de fábricas em todo o país, mas viveu árduos momentos no período de 1834 a 1893, para provar que a indústria geral, mas com especial atenção a esta em voga, mesmo num país recém colonizado e, portanto, com visão mercantil, fosse possível sustentar-se sem as interferências dos colonizadores portugueses, apenas com a força de trabalho do seu povo e a utilização dos bens naturais da sua rica terra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Interessante observar que o estado da Bahia tinha tudo para manter-se no patamar de referência industrial brasileiro, foi a precursora de indústrias rentáveis e que permaneciam em destaque pela qualidade de seus produtos, portanto não há como deixar de recordar do intelectual Pinto de Aguiar (1958) onde expressa motivos para mostrar qual o enigma baiano, para entender por que um estado rico em propriedades naturais e mesmo com bagagem sobre a indústria deixou espaço para crescimento e referência a outros estados que estavam bem atrasados do que o estado em baiano no início da industrialização. Há diversos motivos, e um deles é a falta do foco na industrialização trazendo as raízes do intuito da era colonial, o mercantilismo, dessa forma o estado fica refém de uma indústria de maior porte ao invés de tornar-se independente e capaz de ser abastecida pela própria força industrial.

A sociedade baiana teve, porém, um renascimento das esperanças em tornar-se novamente notórios da indústria brasileira: em 1978 com o primeiro complexo petroquímico planejado do país. O complexo trouxe faturamentos bilionários, alta taxa de empregabilidade direta e indireta, além da redução de custo e sustento das nossas atividades mercantis, tendo como principal vantagem produtos de qualidade e competitivos com menor custo.

A discussão sobre a necessidade de apoio e incentivo à industrialização também é demonstrar a possibilidade no crescimento econômico do estado, para que assim, futuramente, seja possível concorrer com nações desenvolvidas e se possível tornar referência mundial, de um ponto de vista mais ambicioso. Trazendo benefícios esperados pela população brasileira, num contexto geral, como empregabilidade, produtos com a qualidade desejada por menor

custo, entre outros, dos quais o estado da Bahia tem capacidade de oferecer desde que ande de mãos dadas com a seriedade precisa a um processo fabril completo e sustentável.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Pinto de. **Notas sobre o enigma baiano**. Progresso: Salvador, 1958
- AZEVEDO, Esterzilda Berenstein de. Patrimônio industrial no Brasil. **Revista Eletrônica de Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, v. 1, n 3, p. 11, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://www.usjt.br/arq.urb/numero_03.html>. Acesso em: 28 jun. 2019.
- BRITO, Alexandra Antonia Freitas de. A Quarta Revolução Industrial e as Perspectivas para o Brasil. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Edição 07. Ano 02, Vol. 02. pp 91-96, Outubro de 2017. ISSN:2448-0959. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br>>. Acesso em: 28 jun. 2019.
- CARDOSO, Ceila Rosana Carneiro. **ARQUITETURA E INDÚSTRIA: a península de Itapagipe como sítio industrial da Salvador moderna (1892 – 1947)**. São Carlos, 2004. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br>>. Acesso em: 28 jun. 2019.
- CASTORE, M. Elena. **A FÁBRICA E O BAIRRO: Um Estudo sobre a Paisagem Industrial no bairro de Plataforma em Salvador**. Salvador, 2013. Disponível em: <<https://ppgau.ufba.br/>>. Acesso em: 24 jun. 2019.
- DATHEIN, RICARDO. **Inovação e Revoluções Industriais: uma apresentação das mudanças tecnológicas determinantes nos séculos XVIII e XIX**. Publicações DECON Textos Didáticos 02/2003. DECON/UFRGS, Porto Alegre, Fevereiro 2003. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/inicial>>. Acesso em: 28 jun. 2019.
- FIEB, Federação das Indústrias do Estado da Bahia. **Rômulo, Desenvolvimento regional e industrialização / Federação das Indústrias do Estado da Bahia** — Salvador: Sistema FIEB, 2013. 404 p. Disponível em: <<http://www.fieb.org.br/>>. Acesso em: 05 de jul. 2019.
- FONSECA, P. C. D. **A Revolução de 1930 e a Evolução Brasileira**. 2012. Disponível em: <<http://professor.ufrgs.br/pedrofonseca>>. Acesso em: 24 jun. 2019.
- FUJITA, Renata Mayumi Lopes. **Indústria Têxtil no Brasil: uma perspectiva histórica e cultural**. Revista ModaPalavra e-Periódico vol.8, n.15, p. 153. jan./jul.2015. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/>>. Acesso em: 21 jun. 2019.
- GOULART DA SILVA, Danilo. **Indústria 4.0: Conceito, Tendências e Desafios**. Trabalho de Conclusão de Curso, 2017. Disponível em: <<http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/>>. Acesso em: 24 jun. 2019.
- HOBSBAWM, Eric John Ernest. **Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo**. Forense Universitária; Edição: 6ª (12 de maio de 2011). Disponível em: <<https://sociofesps.wordpress.com/>>. Acesso em: 20 jun. 2019
- REBOUÇAS, Daniel. **Indústria na Bahia: um olhar sobre sua história**. editora Caramurê. 2017. 368 páginas
- RIFKIN, Jeremy. **The Third Industrial Revolution: How the Internet, Green Electricity, and 3-D Printing are Ushering in a Sustainable Era of Distributed Capitalism**. World Financial Review - The Zero Marginal Cost Society: The Internet of Things, the Collaborative Commons and the Eclipse of Capitalism. May - June 30, 2014. Disponível em: <<https://www.worldfinancialreview.com>>. Acesso em: 28 jun. 2019.
- SARDENBERG, Cecília M. B. **O BLOCO DO BACALHAU: PROTESTO RITUALIZADO DE OPERÁRIAS NA BAHIA**. NEIM/UFBA, Coleção Bahianas no. 1, 1997. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6873>>. Acesso em: 24 jun. 2019.